

IMOBILISMO E FRUSTRAÇÃO EM O AMANUENSE BELMIRO

INACTIVITY AND FRUSTRATION IN O AMANUENSE BELMIRO

Maria Clediane OLIVEIRA*

UERGN/Campus de Pau dos Ferros

Manoel FREIRE**

UERGN/ Campus de Pau dos Ferros

Resumo: Este artigo constitui-se de um estudo sobre *O amanuense Belmiro*, do escritor mineiro Cyro dos Anjos, com foco no personagem Belmiro Borba, protagonista e narrador do romance. Solitário e retraído, Belmiro chega aos trinta e nove anos sem ter conseguido realizar nada de significativo, algo que trouxesse um sentido para sua existência. Inapto para a ação num mundo em que o ativismo é condição indispensável à sobrevivência, Belmiro fracassa em todas as esferas de atuação, não conseguindo realizar qualquer projeto consistente que pudesse marcar positivamente a sua vida. Não realiza os planos dos seus pais, negando as virtudes da família ao recusar-se dar-lhes continuidade através do trabalho na propriedade rural; fracassa na tentativa de escrever um livro de memórias para registrar suas lembranças, ao deixar que as cenas do seu cotidiano predominem e ofusquem os acontecimentos do passado; também não se realiza no plano afetivo, tornando-se um solteirão melancólico e solitário, que se retrai para realizar a única obra de que fora capaz: o registro íntimo de impressões do cotidiano misturadas a reflexões acerca de sua trajetória fracassada, numa prosa irônica temperada com lirismo e melancolia.

Palavras-chave: Cyro dos Anjos. Romance de 30. Imobilismo; Fracasso.

Abstract: This article aims at studying *O Amanuense Belmiro*, by the Brazilian writer Cyro dos Anjos, focusing on the character Belmiro Borba, protagonist and narrator of the novel. Solitary and reserved, Belmiro reaches thirty-nine years without having been able to accomplish any significant thing, something that brings meaning to his existence. Unfit for action in a world where activism is indispensable to survival, Belmiro is unsuccessful in all spheres of activity, failing to make any consistent project that could positively influence his life. He does not carry out the plans of their parents, denying the family virtues by refusing to continue working on their farm; fails in trying to write a memoir to record their recollections, enabling the scenes of everyday life predominate and overshadow the events of the past; also does not accomplish his affective plane, becoming himself a melancholic and lonely bachelor, that reserves himself to carry out the only work that had been able: the intimate record of daily impressions mixed with reflections on his failed trajectory, a temperate ironic prose with lyricism and melancholy.

Keywords: Cyro dos Anjos. Brazilian novel of the thirties. Immobility. Failure.

* Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Campus de Pau dos Ferros. E-mail: cledianeoliveira@hotmail.com

** Doutor em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (2009), professor de Literatura Brasileira da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, docente permanente do Programa de Pós-graduação em Letras da mesma Universidade. E-mail: manoelfrr@gmail.com

Considerações iniciais

Publicado em 1937, *O amanuense Belmiro* é o romance de estreia do escritor mineiro Cyro dos Anjos. É narrado em primeira pessoa pelo protagonista Belmiro Borba, de modo que todos os fatos narrados na obra são apresentados de acordo com uma determinada visão de mundo, que passa pelo filtro emocional do narrador protagonista.

Belmiro Borba é um solteirão intimista e solitário que, ao chegar aos quase quarenta anos sem ter conseguido realizar nada de importante e significativo, torna-se um indivíduo frustrado, angustiado e desiludido. Sem conseguir situar-se no tempo e no espaço, o personagem decide escrever um livro de memórias para guardar as lembranças de quando vivia em Vila Caraíbas, lugar em que morou até a adolescência ao lado da família. No entanto, aos poucos, seu cotidiano de funcionário público, a convivência com um grupo de amigos e com suas duas irmãs vão ocupando todo o espaço da narrativa, e o que seria um livro de memórias torna-se uma espécie de diário em que o personagem registra seus sentimentos e reflexões mais íntimas.

A instabilidade de espírito e a oscilação entre estes dois tempos, sem viver o presente em sua plenitude nem superar os fracassos de seu passado, faz com que Belmiro estabeleça um movimento de balança entre a realidade e o sonho (CANDIDO, 1971), isto é, procure fugir de um passado de que não consegue se desvencilhar, criando uma atmosfera de fantasia, que pode ser percebida através do mito da “Donzela Arabela” e da representação desse mito associada à imagem de Camila, primeiro amor da infância, e a Carmélia, personagem real, mas que é idealizada por Belmiro, tornando-se também uma figura inacessível.

Partindo desses pressupostos, o presente trabalho tem como objetivo analisar alguns aspectos do romance *O amanuense Belmiro*, buscando demonstrar que o personagem Belmiro Borba vive mergulhado em um estado de angústia, solidão e amargura, sem conseguir encontrar a si mesmo, isto porque carrega uma história de fracasso e frustração que cresce cada vez mais em face de sua imobilidade perante a vida, isto é, de sua incapacidade para agir e superar os malogros de seu passado. Como suporte para fundamentar as discussões utilizamos apontamentos críticos de Candido (1971), Gil (1999), Lafeté (2004), Bueno (2006), dentre outros. Através da análise desse personagem nos deparamos com o retrato de um Belmiro totalmente desiludido, que não conseguiu se realizar nem obter êxito em nenhuma área, seja ela profissional ou afetiva.

Belmiro Borba: imobilismo e frustração

Belmiro Borba chega aos trinta e nove anos angustiado por não ter conseguido realizar nada de importante e significativo que pudesse trazer um sentido para sua existência, tornando-se, assim, um homem solitário,

intimista e desiludido. O capítulo inicial do romance apresenta uma espécie de síntese do conflito que o leitor encontrará nas páginas posteriores do romance *O amanuense Belmiro*:

Ali pelo oitavo chope, chegamos à conclusão de que todos os problemas eram insolúveis. Florêncio propôs, então, um nono, argumentando que outro copo talvez trouxesse uma solução geral [...]

- A solução é a conduta católica, afirmou o amigo Silviano [...] A conduta católica, repetiu. Isto é, fugir da vida, no que ela tem de excitante (ANJOS, 2006, p. 15).

Através de uma situação casual e aparentemente sem importância, o narrador apresenta dois aspectos fundamentais para se entender o comportamento do protagonista. Belmiro e seu seleto grupo de amigos estavam em um dos bares de Belo Horizonte comemorando o Natal e, entre um chope e outro, chegaram à conclusão de que todos os problemas são insolúveis. Ora, se as linhas que abrem o romance já apresentam uma frase conclusiva de que não existe solução para os problemas, logo já sabemos que não haverá solução para o conflito vivido pelo personagem. Além disso, a supressão é apontada como uma alternativa, isto é, não havendo como chegar a uma resolução dos problemas, pode-se fugir deles, evadir-se, o que também é outra característica de Belmiro. Lafetá (2004, p. 25) afirma que “estas primeiras páginas de *O amanuense Belmiro* inscrevem-se entre as melhores coisas que já se fizeram na literatura brasileira”, fazendo referência ao fato de que, através delas, podemos obter uma antecipação de todo o romance, possibilitando uma visão geral acerca do comportamento de Belmiro e de sua posição resignada diante da vida.

A solidão, a angústia dos planos que fracassaram e a incapacidade de superar suas frustrações faz com que o personagem recorra à escrita. Segundo Bueno (2006), Belmiro resolve escrever buscando um duplo refúgio: no passado e na literatura, como sugere o próprio narrador ao dizer que o caderno “tornou-se a minha própria vida, tanto se acha embebido de tudo o que de mim provém e constitui a parte mais íntima de minha substância” (ANJOS, 2006, p. 95), e que “Quem quiser fale mal da literatura. Quanto a mim, direi que devo a ela minha salvação. Venho da rua oprimido, escrevo dez linhas, torno-me olímpico” (ANJOS, 2006, p. 197). Ou seja, o personagem conseguia transpor para as páginas do livro sua alma, seus anseios, expectativas, medos e desejos mais profundos, fazendo com que a literatura fosse concebida como algo sublime que permite a salvação e a libertação de um indivíduo em conflito com sua própria identidade e o com o mundo exterior. Por esse efeito de refúgio e libertação, Belmiro compara o seu trabalho de escritor ao de uma mãe ao dar à luz:

“Por que um livro?”, foi a pergunta que me fez Jandira, a quem, há tempos, comuniquei esse propósito. “Já não há tantos?” [...] Respondi-lhe que

perguntasse a uma gestante por que razão iria dar à luz um mortal, havendo tantos. Se estivesse de bom humor, ela responderia que era por estar grávida. Sim, vago leitor, sinto-me grávido, ao cabo, não de nove meses, mas de trinta e oito anos. E isso é razão suficiente. Posta de parte a modéstia, sou um amanuense complicado, meio cínico, meio lírico, e a vida fecundou-me a seu modo, fazendo-me conceber qualquer coisa que já me está mexendo no ventre e reclama autonomia no espaço. Ai de nós gestantes (ANJOS, 2006, p. 23)

O narrador utiliza a metáfora da maternidade para explicar o processo de composição do romance, como está expresso no próprio título do capítulo, “Questão de obstetrícia”. Assim como na sociedade uma mulher sente a necessidade de dar à luz uma vida, um fruto gerado de seu próprio ventre, um ser que carregue seus traços e características, do mesmo modo Belmiro, que nunca tinha conseguido criar/realizar nada de significativo, precisava de um fruto seu, alguma coisa que trouxesse sentido e significado para os trinta e oito anos de frustração e esterilidade. Em outras palavras, se o protagonista não conseguiu realizar o que planejou ao longo de sua vida, está na hora de colocar para fora, exteriorizar em algo concreto o resultado de suas vivências ao longo de todo esse tempo de inércia. Além disso, em momentos anteriores, o narrador lembra-se da frase de Montaigne “A alma descarrega suas paixões sobre objetos falsos, quando lhe faltam os verdadeiros”, enfatizando a ideia de como é pertinente encontrar um meio de descarregar suas emoções, sentimentos e angústias.

Belmiro começa a escrever no Natal de 1934 e termina no carnaval de 1936, abrangendo apenas pouco mais de um ano de sua vida. O seu interesse, a princípio, é guardar as doces lembranças de sua infância e adolescência que viveu ao lado da família, em Vila Caraíbas. Entretanto, logo se percebe que sua instabilidade de espírito também influenciará na escolha do gênero que pretende escrever, como sugere o seguinte fragmento:

Não sei bem o que me sairá das entranhas. Comecei contando o Natal que acabou e falando nos amigos e na parentela. Meu desejo não é, porém, cuidar do presente: gostaria apenas de reviver o pequeno mundo caribano, que hoje avulta a meus olhos. Minha vida parou, e desde muito me volto para o passado, perseguindo imagens fugitivas de um tempo que se foi. Procurando-o procurarei a mim próprio (ANJOS, 2006, p. 25).

Belmiro sentia-se estagnado no tempo, daí seu interesse pelo passado, de modo que seus escritos permitiriam reviver um período de sua vida que não voltaria mais, conforme aponta Gil (1999, p. 45) ao dizer que “A memória se transformaria numa espécie de espaço compensatório para um presente no qual o personagem não vê mais sentido”. No entanto, o que se pode perceber é que desde o primeiro instante é o presente que se insinua e passa a predominar na maior parte do tempo, e isto porque o problema

não está no presente, mas no personagem, que não consegue encontrar sua própria essência e precisa de alguma coisa que possa acalmar o seu espírito conturbado, conforme defende Silviano ao dizer que “o problema é puramente interior, entende? Não está fora de nós, no espaço!” (ANJOS, 2006, p. 17).

O primeiro capítulo oferece uma perfeita exibição do cenário urbano de Belo Horizonte: mulatas indo e vindo na rua, soldados, proletariado negro; no segundo capítulo, temos um pouco do convívio de Belmiro com suas duas irmãs. Ou seja, tanto em um quanto em outro é o presente que é narrado, é o cotidiano de um funcionário público que prevalece e, conseqüentemente, o que seria um livro de memórias vai se transformando no gênero diário.

Buena (2006) afirma que, embora Belmiro defenda seu interesse pelas memórias, o passado não consegue ganhar qualquer autonomia, surgindo nas lembranças de Belmiro somente a partir de fatos ligados ao seu presente, apontando isso como o primeiro fracasso na vida de Belmiro. O próprio narrador tem consciência da mudança de foco quando diz que repelia “as solicitações de um presente que se insinuava, sob mil formas, no meu espírito e disputava lugar às imagens do passado. Depois, o caderno toma a feição de Diário e nele passo a expor fatos, impressões, ingênuos pensamentos, loucas fantasias” (ANJOS, 2006, p. 209).

Segundo Gil (1999), não é que o personagem não tenha conseguido se adaptar à vida em Belo Horizonte, mas que nem o passado conseguiu se impor ao presente, nem o presente conseguiu acabar com suas memórias, ficando as duas dimensões operando em conjunto. Analisando o comportamento do personagem ao longo da obra percebemos que a instabilidade no tocante ao gênero memória/diário na verdade é apenas reflexo da confusão existencial de Belmiro, que não consegue se encontrar ou se situar no espaço e no tempo:

Depois de ter andado inquieto como uma galinha sem ninho (já viram uma galinha desalojada do ninho? Como cacareja aflita, sem encontrar lugar no espaço!), pus-me a pensar no permanente conflito que há em mim, no domínio do tempo. Se, a cada instante, mergulho no passado e nele procuro uma compensação, as secretas forças da vida trazem-me de novo à tona e encontram meios de entreter-me com as insignificâncias do cotidiano. Pelo oposto, é comum que, quando o atual me reclama a energia ou o pensamento, estes se diluam e o espírito se desvie para outras paragens, nelas buscando abrigo. Tais solicitações contrárias, em luta constante, levam-me às vezes a tão subitâneas mudanças de plano, que minha vida, na realidade, se processa em arrancos e fugas, intermináveis e sucessivos, tornando-se ficção, mera ficção, que se confunde no espaço e no tempo (ANJOS, 2006, p. 26-27)

O narrador faz uso de metáforas para exemplificar suas indagações sobre o espaço e o tempo em que está inserido, gerando um permanente conflito: mergulha no passado em busca de uma compensação ao seu

desajuste presente, mas a realidade o traz de volta ao seu cotidiano pacato e insignificante; de igual forma, esse mesmo cotidiano que o acorda para a realidade faz com que busque o passado para fugir de seus dilemas existenciais. Assim, Belmiro segue seus dias “em arrancos e fugas”, procurando uma maneira de suportar suas decepções, sem conseguir se realizar plenamente. Nessa inconstância, procura evadir-se criando uma atmosfera de devaneio e fantasia, fato que Candido (1971) chamou de movimento de báscula entre o sonho e a realidade.

O amanuense idealiza o seu passado em Vila Carabas, no entanto, este também  marcado por fracassos e frustraes. No capítulo intitulado “O Borba errado” vemos que ele não conseguiu realizar nenhum dos desejos dos pais a seu respeito, negando as virtuosidades da família Borba, da a ideia de negao presente em seu título. Ora, Belmiro  de origem rural, filho e neto de grandes proprietários de terra, de modo que, sendo uma das características da família Borba a dedicao às atividades ligadas ao campo, a família queria que o protagonista seguisse a mesma trajetória de seus parentes e continuasse no trabalho rural, o que de fato não acontece:

Mas dei em droga na fazenda e andei zanzando pela Vila, metido em serenatas e noutras relaxaes. Coitado do velho. Neguei as virtudes da estirpe. Sou um fruto chocho do ramo vigoroso dos Borbas, que teve seu brilho rural. Em face do código da família [...] foi um crime gastar as vitaminas do tronco em serenatas e pagodes. L estava a fazenda, grande, poderosa como um estabelecimento público, com suas lavouras  espera de cuidados moços. Sinto muito, avs. Eu não podia ver uma sanfona (ANJOS, 2006, p. 21)

Belmiro não apresentava a mesma expansão e vitalidade dos seus familiares, decepcionando-os por não realizar os planos que haviam projetado para sua vida. Os pais queriam vê-lo agrônomo ou agrimensor, mas em vez de utilizar sua força no trabalho do campo, o protagonista gastava seu tempo em festas, serenatas e pagodes, levando uma vida bomia.  interessante perceber que a fazenda aparece no texto associada  ideia de grandeza, de poder, mas ao mesmo tempo  comparada a um estabelecimento público que, de acordo com Bueno (2006), simboliza o fato de ela não pertencer a ninguém especificamente e, principalmente, a Belmiro, já que este a trata com o mesmo desprezo e indiferença do ambiente da repartio pública. Nobile (2005, p. 213) afirma que a forma como o ambiente rural  construído representa “O desmoronamento do mundo agrário e a sua reinsero no novo contexto – urbano –, que se apresenta como signo de morte e decadência, conforma a tensão histórica proposta, que  a perda da autoridade do mando da oligarquia rural brasileira”, isto , o rompimento com o conjunto de valores patriarcais e a insero em uma nova realidade urbano-industrial.

A relao encantadora, sentimentalista e idealizada que o personagem protagonista mantm com o passado, segundo Gil (1999, p. 52-53) “não

produz outra coisa senão a paralisia da memória no presente e, no mesmo passo, a imobilidade do presente no passado”, de modo que “a condição contemporânea que tomam as páginas do seu diário não implica movimento, deslocamento, numa palavra, transformação das coisas”. Ou seja, tanto o passado (rural) quanto o presente (urbano) é marcado pelo imobilismo, pela falta de ação, sem que o personagem consiga fazer nada de útil e concreto para modificar sua vida. Essa imobilidade também pode ser percebida através da incapacidade de Belmiro para se relacionar e conviver em meio à multidão, como sugere o episódio do carnaval:

Sinto inutilmente, em mim, uma vaga nervosa que quer acudir ao apelo que a multidão dirige a cada unidade. Quero rir, chorar, cantar, dançar ou destruir, mas ensaio um gesto, e o braço cai, paralítico. Dir-se-ia que há em mim um processo de resfriamento periférico. Os outros têm pernas e braços para transmitir seus movimentos interiores. Em mim, algo destrói sempre os caminhos, por onde se manifestam as puras e ingênuas emoções do ser, e a agitação que me percorre não encontra meios de evadir-se. Reflui, então, às fontes de onde se irradia e converte-se numa angústia comparável à que nos provém de uma ação frustrada (ANJOS, 2006, p. 30).

O carnaval é uma festa popular em que um grande número de pessoas se reúne para comemorar com alegria, dança, música e muito movimento. Para o personagem, é mais um momento em que realiza uma viagem interior, “um mergulho mais profundo nos nossos abismos”, tendo em vista que percebe a sua incapacidade de fundir-se à multidão e de se inserir naquele ambiente. Belmiro deseja experimentar todos os sentimentos e tenta sair da inércia, no entanto, os seus gestos não passam de tentativas fracassadas. Termos e expressões como “braço cai, paralítico”, “processo de resfriamento periférico” enfatizam essa ideia de fixidez e estabilidade, a ponto de o narrador insinuar que sua agitação interior não encontra meios de colocar em prática o que verdadeiramente sente vontade de fazer. E o resultado disso é uma “angústia comparável à que nos provém de uma ação frustrada”, conclui o personagem.

Se na vida profissional Belmiro não consegue se realizar, muito menos no plano afetivo, de modo que todas as mulheres que fazem parte de sua vida apresentam alguma característica que as tornam inacessíveis. Começando por Jandira, única mulher do grupo de amigos e por quem o amanuense nutre um profundo desejo, conforme vemos em alguns trechos:

Da roda, fui o único que não tentou conquistá-la. Já lhe disse que, infelizmente, nisto não andou virtude, e sim timidez. Dias houve em que ela me perturbava profundamente, e por pouco não lhe teria dito as palavras do desejo [...] Quando, como hoje, ela me vem tão desejável e tão perigosa (como a saúde de Jandira convida a um higiênico idílio rural!), volto os olhos para um lado, recusando-me devaneios acerca de sua amável

geografia e convocando este anjo latente prestimoso que nos segue como a sombra (ANJOS, 2006, p. 41)

O narrador deixa claro que o motivo de não ter tentado conquistar Jandira não foi sua amizade, mas sua timidez, sua falta de iniciativa em relação ao sexo oposto. Belmiro descreve de forma poética e com muita sensualidade a geografia do corpo da personagem e o seu desejo em relação a ela, em alguns momentos elogiando seus atributos físicos, destacando que sai beleza *está na força da carne*, e cujas formas não inspiram *pensamentos castos*. No entanto, não toma qualquer iniciativa, e ainda agradece a Deus por ser um homem tímido e, assim, ter preservado a amizade. Além disso, ainda promete lhe arranjar um marido.

Essa falta de realização também no campo afetivo faz com que o personagem central recorra ao mito, criando uma mulher idealizada que só existe no seu mundo de sonho e fantasia. É o que ocorre com o mito da “Donzela Arabela”. Belmiro, após ficar embriagado de éter e respirar os jatos de lança-perfume que o atingiam, é jogado de um lado para outro e, em meio ao tumulto carnavalesco e à multidão de foliões, sente a mão de uma jovem pousar em seu braço. Essa imagem faz com que o protagonista vivencie uma das mais estimulantes sensações:

Efeito da excitação de espírito em que me achava, ou de qualquer outra perturbação, senti-me fora do tempo e do espaço, e meus olhos só percebiam a doce visão. Era ela, Arabela. Como estava bela! A música lasciva se tornou distante, e as vozes dos homens chegavam a mim, lentas, desconexas. [...] Parecia que eu me comunicava com Deus e que um anjo descera sobre mim. [...] O mito donzela Arabela tem enchido minha vida. [...] Mas vivam os mitos, que são o pão dos homens (ANJOS, 2006, p. 32-33).

A mão pertencia a uma “branca e doce donzela” que fez com que o personagem sofresse uma espécie de arrebatamento, passando a lembrar e reviver um mito infantil que ouvira em Vila Caraíbas quando criança, segundo o qual Arabela vivia presa em uma torre de castelo e morreu de amor. Belmiro sente um misto de sentimentos: êxtase, plenitude, totalidade, uma sensação que o desconcerta inteiramente e, a partir desse episódio, o mito passa a preencher toda sua vida, tornando-se seu alimento diário para fugir da realidade e encontrar um amor idealizado.

Belmiro passa a perseguir nas ruas de Belo Horizonte a imagem da mulher que o levou a reviver o mito infantil. A situação do personagem e os seus devaneios se agravam ainda mais quando, certa noite, ouve uma voz feminina cantando uma música que o conduz aos tempos da fazenda em Vila Caraíbas, mas dessa vez lhe trazendo à lembrança a figura de Camila, seu primeiro amor da infância: “As duas imagens se consorciaram no meu espírito e ainda hoje nele permanecem, enriquecidas de outras que lhes ministrou este demônio fantasia que me habita”. (ANJOS, 2006, p. 38).

As mãos e a voz pertencem a uma única mulher: Carmélia Miranda, desta vez uma personagem real, e não simplesmente um fruto de sua imaginação. Mas logo esse ser real é envolvido na atmosfera de sonho e fantasia, de modo que Belmiro, ao voltar, já não vê Carmélia, mas Arabela, ou seja, mais uma vez o mito predomina sobre os aspectos da realidade: “Perturbou-me bastante o encontro. Sou um incorrigível produtor de fantasia, a retalho e por atacado, e fiquei a imaginar doces coisas” (ANJOS, 2006, p. 40). Passado e presente se fundem, de modo que o mito infantil e a imagem real são vistos em uma só pessoa. Mesmo sabendo da existência física da mulher, o personagem não consegue tomar qualquer iniciativa: “Carmélia apareceu-me com frequência, ora sob o seu aspecto real, ora encarnada em Camila e integrada na paisagem caraibana, circulando por entre meus fantasmas. [...] Como é casto esse amor! Nenhum desejo, nenhuma representação sensual” (ANJOS, 2006, p. 142), declara o amanuense, continuando a cultivar o terreno da fantasia.

Assim como Belmiro procura fugir da realidade buscando um refúgio nas lembranças do passado, é como se também fugisse da mulher “real”, Carmélia, e fosse em busca de um abrigo através do mito e da imaginação, como sugere o narrador: “Creio que já não quero o mito, mas a pessoa. Entretanto, assim como, quando queremos forçar demasiado a atenção em qualquer coisa, esta coisa nos foge [...] escapou-me uma imagem nítida de Carmélia para só ficar um esboço vago de seu vulto” (ANJOS, 2006, p. 53). Aqui mais uma vez o narrador evidencia sua paralisia, imobilismo e incapacidade de agir. Esse é o primeiro momento em que o personagem deseja verdadeiramente o ser real, mas esse sentimento é logo dissipado e Belmiro deixa que a paralisia e a inércia o dominem. Essa falta de ação ocorre como algo automático (“desviei sem querer os meus olhos”), sem que o personagem consiga controlar os seus gestos e atitudes.

O esboço de um vulto é suficiente para que Belmiro crie uma imagem de Carmélia em sua imaginação: “Construí uma Carmélia cerebral que me causava devastações [...]. E criei um ser fantástico, onde só entram tênues traços da moça” (ANJOS, 2006, p. 74). Solteiro e celibatário convicto, o personagem constrói um ser em sua mente que o faça companhia em seus dias de solidão. A respeito dessa confusão entre mito e ficção, Lafetá afirma o seguinte:

Mas entre a interioridade e o mundo real existe uma simples diferença: o mito não é a moça, Arabela não é Carmélia. A moça real pertence à “haute gomme” de Belo Horizonte. Belmiro é apenas amanuense; a moça real pertence ao sistema filistino, Belmiro ao “sistema Borba”; tudo são dificuldades, mas a grande diferença é que Carmélia é real, pertence ao mundo das convenções, e Arabela é uma criação do espírito de Belmiro, e elemento mediador entre ele e a transcendência (LAFETÁ, 2004, p. 33).

Neste sentido, Lafetá apresenta a distinção entre interioridade e exterioridade, realidade e ficção, aspectos que fazem parte do conflito existencial vivido pelo personagem central. Há uma série de fatores e dificuldades que contribuem para que Belmiro não consiga se realizar afetivamente com Carmélia: esta é “fina, jovem e rica”, ao passo que Belmiro já tem quase quarenta anos e não passa de um simples amanuense. Outros aspectos ainda podem ser somados, como, por exemplo, o fato de Carmélia casar-se com outro homem, mas o aspecto mais significativo que torna o amor impossível de se concretizar é que a jovem é um ser real e não uma criação do espírito conturbado de Belmiro.

No tocante à frustração afetiva do amanuense, observa-se que ele não consegue se realizar com nenhuma mulher: nem com Jandira, alegando uma timidez que não o deixou tomar coragem; e muito menos com Arabela/Camila/Carmélia, transformadas em uma única mulher na imaginação do amanuense, e todas inacessíveis.

Como se não bastassem todos os fracassos, o grupo de amigos do qual Belmiro faz parte é lentamente dissolvido e cada um procura seguir seu próprio rumo, de modo que a única companhia que restou para o amanuense foi a do velho Carolino. Com o fim do grupo, não há rodas de conversas, apenas a solidão e, conseqüentemente, não há mais o que narrar: “Já não preciso de papel, nem de penas, nem de boiões de tinta. Esqueceu-me dizer-lhe que a vida parou e nada há mais por escrever” (ANJOS, 2006, p. 228). No início do romance o narrador cita Drummond: “*Stop. A vida parou Ou foi o automóvel?*”, e no final, após ter acabado sua fantasia em relação a Carmélia, momento que pode ser representado quando a jovem e seu esposo Jorge passam de automóvel por ele na rua salpicando-o de lama, Belmiro estabelece uma intertextualidade com o poema “*E agora, José?*”, enfatizando a ideia de um ser frustrado e angustiado que não sabe o que fazer e, por isso, tudo termina da mesma forma como começou: “Que faremos, Carolino amigo?”.

Considerações finais

Em face do exposto neste trabalho, analisando o comportamento do protagonista e narrador do romance *O amanuense Belmiro*, de Cyro dos Anjos, podemos perceber que Belmiro Borba, um tímido e solitário amanuense, chega aos quarenta anos (ou quase) sem ter realizado nada de importante e significativo em sua vida, que trouxesse um sentido para sua existência, carregando consigo uma história marcada pelo fracasso e pela frustração.

Belmiro deixou a fazenda, em Vila Caraíbas, após decepcionar seus pais, que queriam vê-lo continuando o trabalho rural, já que esta era a virtude principal da família Borba, segundo o narrador. Foi para Belo Horizonte, onde

conseguiu emprego em uma repartição pública, porém a incapacidade de agir e de superar seus problemas o torna o indivíduo intimista e introspectivo.

Sem conseguir se situar no tempo e no espaço, Belmiro vive em um conflito permanente entre passado (rural), em Vila Caraíbas, e presente (urbano), em Belo Horizonte. Essa instabilidade de espírito fez com que o personagem fracassasse também na tentativa de escrever um livro de memórias, já que foi o seu presente que predominou durante a maior parte da narrativa. No plano afetivo, também não conseguiu se realizar, já que não teve coragem de tomar iniciativa para um relacionamento com nenhuma mulher. Diante disso, busca refúgio no mito, criando um mundo de sonho e fantasia, associando as imagens de Arabela/Camila/Carmélia a um único ser, fruto de sua imaginação.

Portanto, chegando ao término do romance podemos perceber que Belmiro Borba é um indivíduo frustrado por não ter conseguido realizar-se em nenhuma das áreas de sua vida, o que se agrava ainda mais diante de sua falta de posicionamento, pois em nenhum momento toma qualquer iniciativa para sair da angústia e da desilusão em que estava mergulhado, o que faz com que o seu diário termine da mesma maneira como começou, enfatizando a ideia de um sujeito que estagnou no tempo e já não sabe o que fazer.

Referências

ANJOS, C. **O amanuense Belmiro**. Posfácio Alcir Pécora. São Paulo: Globo, 2006.

BUENO, L. **Uma história do romance de 30**. São Paulo; Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

CANDIDO, A. Estratégia. In. ANJOS, C. **O Amanuense Belmiro**. 7. ed., Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 1971.

GIL, F, C. O amanuense Belmiro: lirismo, cotidiano e imobilidade. In: **O romance da urbanização**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. p. 45-61.

LAFETÁ, J. L. **A dimensão da noite e outros ensaios**. (Org. Antônio Arnoni Prado). São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

NOBILE, A, P, F. O amanuense Belmiro: a angústia da oligarquia decaída. **Línguas & Letras**, Cascavel, v. 6, n. 10, 2005. p. 205-215. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/790/671>>

Recebido em setembro/2016.

Aceito em março/2017.